

DISCURSO POÉTICO, NARRATIVAS E PROCESSOS POR TENTATIVA DE HOMICÍDIO: INDÍCIOS DA VIDA DE MANOEL HENRIQUE PEREIRA (1895/1900-1924)

José Gerardo Vasconcelos¹

Universidade Federal do Ceará – gerardo.vasconcelos@bol.com.br

Introdução

Tem esse estudo o objetivo de analisar indícios discursivos ou documentais que se constituíram a partir da vida e da morte de Manoel Henrique Pereira, o Besouro Cordão de Ouro. O texto aqui apresentado é parte dos estudos desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia – UFBA (2002), como requisito do Estágio de Pós-Doutorado. O personagem estudado é um dos mais aclamados nas rodas de capoeira. Várias músicas e poesias são entoadas em sua homenagem. O justiceiro de Santo Amaro revive na memória dos capoeiristas de todo mundo. Sendo assim muitos discursos se foram formando em torno de sua vida e de sua morte. Desencontros, disputas mnemônicas, silêncio e a mística que comporta múltiplas interpretações. Falar de Besouro é por si só um grande espetáculo que se desloca pelo cenário das rodas de capoeira. Da roda imaginária que invade nossas lembranças, aplaca nossos símbolos enlaçados aos rituais entoados pela musicalidade e palas vozes dos capoeiristas. É lembrado como bandido, por uns; justiceiro e militante, por outros. Inspira a literatura. Move a potente máquina jurídica. Uma vida curta marcada pela intensidade do seu tempo. Um tempo de proibições e perseguições aos capoeiristas.

Caminhos e Descaminhos da Pesquisa

Os problemas iniciais foram resolvidos com o aceite de um projeto de pesquisa para o Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia, intitulado: **A ginga da memória: A pedagogia da malandragem e a constituição da embriaguez dionisiaca na formação do ator/capoeira**. A liberação foi prontamente atendida pelo meu Departamento (Fundamentos da Educação) e as passagens me foram cedidas pela Universidade Federal do Ceará.

O prof. dr. Armindo Bião e o prof. dr. Sérgio Farias, da UFBA, disponibilizaram as condições necessárias e possíveis para que eu pudesse realizar a coleta de dados e, conseqüentemente, a própria pesquisa. Frede Abreu, do Instituto Mauá possibilitou-me o acesso ao seu arquivo pes-

soal – o maior acervo de documentos sobre capoeira que conheço – além de dividir o seu tempo com as minhas inquietações e ilações teóricas. Não tive, infelizmente, o apoio esperado do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ. Aguardei por um ano a resposta de um pedido de bolsa de Pós-doc que foi remetido em janeiro de 2002. No dia 02 de janeiro de 2003, apesar de reconhecerem o mérito do projeto, o meu pedido de bolsa foi indeferido, de acordo com o seguinte parecer: **Apesar do reconhecimento do mérito da proposta, a solicitação não atingiu a prioridade para a implementação dentro da disponibilidade de bolsa fixada.** Informavam que eventuais pedidos de reconsideração deveriam ser feitos no prazo de 30 dias e que a solicitação só seria analisada se outros fatos surgissem para justificar a referida solicitação. Tudo de novo tinha ocorrido na pesquisa. O projeto estava todo modificado. Só achei que aguardar respostas de janeiro de 2002 a janeiro de 2003 era uma espera um tanto quanto demorada com a pesquisa acadêmica “não prioritária” e, principalmente, com a minha tão minguada paciência. Apesar disso, agradeço a cordialidade dos funcionários que, gentilmente, me atenderam ao longo do ano de 2002.

A coleta de dados já estava praticamente concluída e a espera já estava muito longa. Resolvi trabalhar com os dados de que dispunha, tendo a clareza de que se tratava de uma pesquisa inacabada. Apesar de tudo, o relatório da pesquisa – mesmo limitado ao tempo que passei na Bahia a expensas minhas, com poucos recursos – deveria ser concluído. Acho que nesse momento tento prestar contas com um **corpus** inacabado ou com minhas dores e perdas que se configuraram ao longo desta pesquisa; retalhado, quem sabe, ou conciso em demasia pelo espaço que disponho. Um **corpus** que se constitui na formação de um mito popular. Temos a saga de um indivíduo que, vazando o seu próprio tempo em nome da justiça, não deixou de se indispor contra a Justiça da República Velha, realizando, assim, um deslocamento de sentido nesse conceito polifônico. O que analiso, fundamentalmente, nesta pesquisa, é a genealogia de um capoeira justiceiro etnocenologicamente descrito pelas artimanhas da malandragem, da falsidade e da lembrança de seus contemporâneos ou partícipes da mesma comunidade lingüística e cultural.

Utilizarei a etnocenologia, etnohistória e memória como procedimentos metodológicos. A etnocenologia é uma disciplina que se inicia no momento atual e se organiza a partir de uma articulação entre pesquisadores de várias instituições acadêmicas. A criação do Centro Internacional de

Etnocenologia, em Paris, em 1995, aproxima a referida disciplina da etnologia clássica e das variantes das etnociências e da etnometodologia. Segundo BIÃO (1999:16-17):

Também neste contexto teórico-histórico, vale considerar a contribuição de pesquisadores norte-americanos, como Garfinkel, que propõe já nos fins de 1950 a etnometodologia como perspectiva metodológica e não como uma disciplina. De fato, o que as etnociências podem ter como perspectiva comum é a busca de compreensão dos discursos dos diversos agrupamentos sociais sobre sua prática coletiva, inclusive e, talvez, principalmente, suas práticas corporais.

Temos, portanto, a possibilidade de utilizar a etnologia para elaborar a partir dos vários discursos aquilo que a humanidade inventa para celebrar a vida e seus rituais, amores e festas, seus símbolos e solenidades. É a ânsia de imiscuir o corpo no rito espetacular de um acontecimento social. De acordo com PRADIER (1999: 24),

Por “espetacular” deve-se entender uma forma de ser, de se comportar, de se movimentar, de agir no espaço, de se emocionar, de falar, de cantar e de se enfeitar. Uma forma distinta das ações banais do cotidiano.

A utilização da memória como possibilidade metodológica permite, nesse caso, rastrear indícios que foram suplantados ou simplesmente apagados pela história oficial. Para falar desses senhores do tempo, os procedimentos clássicos da historiografia nem sempre foram tão “eficientes”. O pesquisador garimpa os sinais e marcas documentais. Pela ausência do documento, poderá recontar o tempo de outra forma sem os sinais de “certeza” ou “verdade”. Entretanto, essa ausência pode ser fartamente preenchida pelos narradores e testemunhas do tempo. A lembrança – nesse caso – passa a ser outra ou mais uma ferramenta que o pesquisador poderia utilizar para enxergar com os olhos da narração uma página a mais da história.

Contudo, é de bom alvitre lembrar que o mesmo “cuidado” que se deve ter com o documento para que ele não se rasgue ou para que os pontos encobertos pela ação do tempo sejam revividos, deve-se ter também com as derrapagens mnemônicas produzidas pelo discurso dos narradores. Esses relatos são fundamentais para acordar a lembrança

dos homens. É que lembrança está ligada em muitos pontos de esquecimento. Podem ser puxados, picotados, desviados, inventados, recontados, protegidos ou simplesmente negados para proteger os narradores do presente. A memória poderá sobreviver de forma subterrânea. Invadindo o tempo presente e recriando acontecimentos. É, na realidade, uma trapaça com a oficialidade da história.

Essa trapaça é a história de Besouro. No cemitério não há atestado de óbito. No fórum da cidade não há registro de nascimento. Na igreja não há certidão de batismo ou casamento. **Manoel Henrique Pereira**, vulgo Besouro, Besouro Preto, Besouro Mangangá ou Besouro Cordão de Ouro. Difícil esquecê-lo. Pela força das narrativas, Besouro continua sendo cantado nas rodas de capoeira em todo o país e no mundo. É preservado na memória coletiva dos capoeiristas. Suas histórias continuam sendo contadas e cantadas. Como esquecê-lo?

Iniciei a pesquisa duvidando da existência de Besouro. Em várias rodas de capoeira, já havia escutado músicas sobre Besouro, o Besouro Mangangá. O que eu sabia era que a cidade de Santo Amaro era próxima de Salvador e que fora uma escola de grandes capoeiristas e faquistas. Sabia que era também o berço de grandes manifestações culturais formadas a partir do contato do negro, índio e branco – samba, maculelê, reizado e, evidentemente, a capoeira.

Ao chegar em Santo Amaro da Purificação, na Região do Recôncavo Baiano, procurei entrar em contato com capoeiristas ou com moradores antigos da cidade. Eu duvidava da existência de Besouro Cordão de Ouro, mas vislumbrava a possibilidade de coletar muitas histórias ou feitos memoráveis do capoeirista que viveu no início do século XX e morreu muito jovem. De acordo com documentos encontrados no desenvolvimento da pesquisa, Besouro nasceu em 1895. Esta data tem como referência o processo movido contra Besouro que resultou na sua expulsão do exército em 1918. O referido documento (PEREIRA, 1918) atesta que Besouro tinha 23 anos à época. O ano da morte, que também representava uma grande disputa de informações, ocorre em 1924, de acordo com documento encontrado no Arquivo Municipal de Santo Amaro. Esse documento é um outro processo movido por Caetano José Diogo, após o desfecho de uma luta entre as partes, que resultou na amputação do dedo mínimo de Caetano. O referido processo fora arquivado em 1925, em decorrência do falecimento do réu Manoel Henrique Pereira. Nesse documento (PEREIRA, 1920-1927), encontramos uma declaração da Santa Casa de Misericórdia com os seguintes dados:

Certifico que, por determinação do chefe do serviço clínico d´este hospital da Santa Caza de Misericórdia, revendo os livros de entrada e saídas de doentes, às folhas 42v do livro nº 3, linhas 16, leito 418, consta o seguinte lançamento: Manoel Henrique, mulato escuro, solteiro, 24 anos, natural da cidade de Urupy, residente na Usina de Maracangalha, profissão Vaqueiro, entrada no dia 8 de julho de 1924, às 10 e meia hora do dia do falecimento às 7 horas da noite, de um ferimento perfuro-inciso do abdômem. (PEREIRA, 1920-1927, p. 21).

Isso significa dizer que Manoel Henrique, vulgarmente conhecido por Besouro, como se refere o promotor ao réu, faleceu em 1924. Todavia, o mesmo documento afirma que Manoel tinha apenas 24 anos. É provável que a Santa Casa de Misericórdia de Santo Amaro não tenha obtido informações mais precisas sobre o ano de nascimento de Besouro e lançou de forma mais ou menos aleatória a idade do paciente. Desta forma, prefiro crer que o documento encontrado na Baixa de Quintas, analisado por PIRES (200, p. 219-234), sobre a expulsão do exército seja mais preciso. Manoel Henrique Pereira nasce em Urupy em 1895 e morre na Santa Casa de Misericórdia de Santo Amaro, no dia 8 de julho de 1924, às 7 horas da noite. De acordo com certidão de óbito de seu irmão Caetano Cícero Pereira, Besouro é filho de João Martins Pereira e Maria AUTA Pereira. O nome da mãe apresenta uma pequena movimentação da sonoridade que se expressa pela tradição oral. De acordo com o capoeirista já falecido, Cobrinha Verde, aluno e primo carnal de Manoel Henrique, a sua tia – mãe de Besouro – chamava-se Maria HAIFA Pereira. Durante muito tempo, os biógrafos de Besouro propuseram esta filiação; na realidade, o nome Auta que se expressa pela tradição oral como Haifa.

Procurando Qualquer Indício da Vida de Besouro Mangangá

Vasculhar indícios de vida é a possibilidade que o pesquisador encontra para tornar-se vivo e reviver a história como seleção de acontecimentos. A idéia de uma história verdadeira ou essencialista não se coaduna com a realidade da história, com a história efetiva. É seguir um campo minado pelos feixes de instante que se foram e, em muitos casos, não deixaram pistas. Isso exige no mínimo um pouco de paciência do pesquisador. Não se pode subestimar o menor indício ou a mais remota pista que esclareça o pedaço de um quebra-cabeça triturado pela força do tempo.

É que o tempo não se contenta com um passado fixo ou com um presente congelado. O tempo é mordaz. Destruidor por convicção dissolveria o mais sólido sentimento de angústia. Tempo que apagaria com o mofo da espera o mais insólito documento e a mais perplexa possibilidade de eternidade. Entre tantas viagens realizadas de Salvador para Santo Amaro, seguindo o mesmo ritual de arrumar e desarrumar os equipamentos (máquina fotográfica e gravador) em busca de alguma novidade ou de alguma pista que pudesse acrescentar algum dado novo aos que eu já possuía. No dia 11 de julho de 2002, parti novamente para Santo Amaro.

Até então não sabia que aquela data era muito próxima do aniversário da morte de Manoel Henrique (8.7.1924). Após anotar endereços de algumas instituições pesquisadas e tentar uma cópia do atestado de óbito de Caetano Pereira, estive mais uma vez no Fórum da Cidade, vasculhando pela milésima vez, procurando algum documento que referisse algo sobre Besouro. Qualquer coisa, qualquer indício era bem vindo. Ao cair à noite, encontrei-me com o Contra-mestre Lampião, do grupo ACARBO, a quem havia entrevistado no mês anterior. Conversamos sobre Besouro, sobre o evento realizado nos dias 6 e 7 de julho, por ocasião do 4º ano de morte do Mestre Ferreirinha.

Ela acabara de ministrar sua aula de capoeira na Praça da Purificação, em Santo Amaro. Contou-me sobre a aula e falamos um pouco acerca da roda que ocorrera no evento de Ferreirinha, de alguns movimentos mais perigosos, como a cabeçada. Disse que eu precisava treinar mais e – como de costume – acabamos falando de Besouro.

Fui informado da existência de um arquivo na Cidade. Até então, eu não sabia. Entretanto, fui logo desencorajado a proceder a tal investigação, dadas as condições da Instituição. Lampião falou-me das enchentes que ocorrera na Cidade. Afirmava categoricamente que os indícios documentais sobre Besouro Cordão de Ouro eram muito difíceis. Teriam sido levados pelas correntezas que atravessaram a Cidade. Mostrou-me mais ou menos a altura das águas. Imaginei um turbilhão de acontecimentos sendo transportado pelas ruas da cidade transformada em correnteza. Assegurou-me que o referido arquivo já havia sido visitado por ele. Nada que se aproximasse de Besouro, nenhum documento.

Todavia, a curiosidade do pesquisador é maior do que a falta de informação. Afinal é a incerteza que move a pesquisa. É em nome do desconhecido que pesquisamos. Não entendo a história como desenvolvimento do espírito absoluto, como propunha HEGEL(1986), nas **Lições sobre a filo-**

sofia da história universal, mas, principalmente, como propõe FOUCAULT (1986c, p.18), analisando o conceito de genealogia em Nietzsche. O Filósofo francês indaga:

Ora, se o genealogista tem o cuidado de escutar a história em vez de acreditar na metafísica, o que é que ele aprende? Que atrás das coisas há “algo inteiramente diferente”: não seu segredo essencial e sem data, mas o segredo que elas são sem essência, ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que lhe eram estranhas. A razão? Mas ela nasceu de uma maneira inteiramente “desrazoável” – do acaso (FOUCAULT, 1986c, p. 18).

Na realidade, o acaso – não tenho outra explicação – me colocou naquela noite do dia 11 de julho em contato com o Contra-mestre Lampião e, no dia seguinte, antes de entrar em contato com Ivan de Ferreirinha, fui procurar o Arquivo Municipal de Santo Amaro.

Acordei mais cedo do que o esperado. Na realidade, não dormi na noite anterior. Estava decidido a vasculhar o Arquivo Municipal de Santo Amaro. Só deixaria a Cidade quando encontrasse algum indício menos fugidio. O problema é que a minha vontade seria totalmente impotente, pois as pegadas estavam “apagadas”. Comecei a percorrer as ruas da Cidade. Atravessava as praças e imaginava as histórias que foram confiadas pelos capoeiristas do lugar. Vislumbrava as lutas travadas por Besouro e seus discípulos contra o poder local e, ao mesmo tempo, a fome de realidade passeava pelo encanto poético perfilado nos escaninhos da história.

Como já esperava, ninguém conhecia o Arquivo Municipal da Cidade. Os lugares que foram indicados nada se pareciam com um arquivo. Fui informado por um transeunte – um professor que transitava na rua do Imperador – de que o arquivo estava fechado. Um desânimo momentâneo foi se formando. Entretanto, a paixão da pesquisa, passa a ser elemento diferenciador. Continuei a procurar. Foi então que avistei um prédio, na mesma rua do Imperador nº 50. Disseram-me que ali era local de alistamento militar e que algum dia serviu para guardar documentos que sobraram das enchentes. Referido prédio – visto de fora – não tinha a menor semelhança com arquivo. Mesmo assim, fui checar os dados. Ao ingressar na edificação, verifiquei que o aspecto das paredes já carcomidas pelo tempo e o cheiro de mofo assemelhavam-se a um depósito de documentos guardados com muito cuidado pelos funcionários da instituição.

Com o auxílio do arquivista-funcionário, iniciei sem grandes pretensões a busca. Evidente o funcionário já ouviu relatos sobre a personagem ilustre da Cidade, odiado no passado por uns e amado por muitos no presente. Persuadi-me a investigar a pasta sobre inventários. Achei perda de tempo, mas segui, a princípio, sua orientação. Encontrei um Manoel Henrique Pereira, homônimo da minha personagem. Todavia, era herdeiro de um grande proprietário do século XIX.

Descartei a possibilidade dos inventários. Dificilmente filhos de escravos poderiam se tornar proprietários de terra. Tentei umas caixas de documentos contendo alguns processos de homicídios no início do século. Sem chance. Nada encontrei que trouxesse a mínima pista. Apesar de vasculhar um amontoado de documentos amarelados pelo tempo, não havia ainda encontrado a pista que me faltava para completar a documentação da pesquisa. Foi então que avistei um caixa com a inscrição “Tentativa de homicídio (1920 – 1927)”. Lembrei-me dos relatos orais que havia coletado. Lembrei-me da conversa com dona Zilda Pain, Mestre Macaco, Contra-mestre Lampião e Frederico Abreu.

Todos eram unânimes em asseverar que Besouro nunca assassinara ninguém. Era briguento, desordeiro, mas não carregava nenhuma morte em suas costas. Lembrei-me de que esse era mais ou menos o período de sua morte. João Pequeno (2000) informava que a morte de Besouro ocorreu mais ou menos em 1924. Para Nestor Capoeira (1998: 38), por volta de 1920. Leticia Vidor dos Santos Reis (2000:90) argumentava que Besouro vivera no começo do século. Waldeloir Rego (1968: 263-265) prefere não arriscar e conta algumas histórias de Besouro sem se referir a datas. CARVALHO (2002) teve de optar pela ficção e compôs histórias sobre Besouro sem a menor preocupação cronológica. PIRES (2001: 234) declara o seguinte: **Besouro morreu e a data de sua morte não foi encontrada, mas os informantes referem-se ao final da década de 20.** Muniz Sodré, no *Santugri* – seu primeiro livro de ficção – apresenta algumas hipóteses sobre a morte de Besouro. Entretanto, como se trata de ficção, há um misto de relatos orais coletados e a licença ficcional que o autor utiliza. No relato de um ancião (SODRÉ, 1988: 19), proposto pelo autor, encontro a afirmação de que a ficha policial de Besouro dava-o como nascido em 1897 e com o relato de uma mãe de santo que encerra o seu ciclo de vida com 27 anos (SODRÉ, 1988: 21). MESTRE BOLA SETE (2001: 24-25), no seu livro *A Capoeira Angola na Bahia*, apresenta a história de Besouro sem fazer referências ao período. Destaca alguns pontos relatados pela história oral.

Comecei um pouco desanimado a percorrer os processos. O meu tempo já se esvaía. Tinha um compromisso com Ivan de Ferreirinha para gravar entrevista e repassar as fotografias tiradas por mim no evento do fim de semana anterior. Foi então que o último documento já quase me fazia optar pela desistência. Achava que nada encontraria. Eis que me deparei com um processo que se iniciara em 1922, resultado de uma peleja ocorrida no último dia do ano de 1921. Na capa do processo constava o nome do réu: Manoel Henrique, vulgo “Besouro”. Não tive dúvidas de que me chegava às mãos um documento raro que, no mínimo, alteraria a história da capoeira no Brasil. Era um documento que, não só confirmava a existência de Manoel Henrique, como também incluía o apelido utilizado pelo capoeirista, confirmando os relatos que foram repassados pelos meus informantes.

Mesmo sem acreditar na idéia de verdade, acabara de localizar uma pista significativa. Encontrara forte indício da vida de Besouro; um acontecimento registrado pela força do documento. Parece ironia do acaso, mas a maior parte de minhas pesquisas utilizam a memória como procedimento metodológico. Não acredito em uma hierarquia de fontes primárias. O documento sempre foi tão importante para mim quanto qualquer relato oral, incluindo a lembrança e o esquecimento. Tenho até valorizado muito mais o esquecimento em detrimento da lembrança. Entretanto, aquele documento encontrado – no caso específico de Besouro – realmente preenchia uma lacuna que a Historiografia estava cada vez mais distante de resolver. Com o passar do tempo, os arquivos individuais de lembranças que conviveram com Besouro iam desaparecendo. Aos poucos as pistas iam se apagando. O esquecimento invadia os escaninhos mais profundos de lembranças dos personagens da época, como se quisesse proteger o mito e, ao mesmo tempo, transformar suas ações em acontecimentos espetaculares. Na realidade, Besouro é o próprio espetáculo da capoeira.

Fiquei perplexo. Não sabia muito bem o que fazer. Encontrava, enfim, algo que dissesse que aquele indivíduo esteve ali, naquela localidade. Comecei a folhear o documento com muito cuidado. A luva que me fora cedida gentilmente pelo funcionário do arquivo parecia que estava muito suada. Retirei a luva e comecei a passar as páginas do documento e, como não podia fotocopiar, resolvi copiar todo o documento e fotografar. Nesse ínterim o funcionário que me acompanhava aproximava-se para certificar-se do meu achado. Ajudava-me a decifrar alguma parte que estava apagada ou ilegível. Tudo aquilo parecia muito prazeroso. O cuidado ao passar as páginas parecia se multiplicar a cada

linha decifrada e transcrita. Até que ocorreu verdadeira explosão em meu corpo. Foi quando detectei que o processo estava sendo arquivado e não apresentava nenhum motivo jurídico. Foi então que encontrei um documento da Santa Casa de Misericórdia, que fazia parte dos autos do processo. Era um atestado de óbito de Manoel Henrique Pereira, expedido em 5 de setembro de 1925, escrito no ano seguinte a sua morte a pedido do Dr. João de Cerqueira, promotor Público da Comarca e do Dr. Virgílio Diniz de Senna, Chefe do Serviço Clínico do Hospital. Esse documento acabara de decifrar parte do enigma de um dos maiores mitos da capoeira, pois trazia detalhes sobre a morte de Besouro.

Referências Bibliográficas

- ABREU, Frederico José. **Bimba é bamba** – a capoeira no ringue. Salvador: Instituto Jair Moura, 1992. 99p.
- BIÃO, Armindo. **Etnocenologia, uma introdução**. In. **Etnocenologia** – Textos Seleccionados. Christine Greiner e Armindo Bião (orgs). São Paulo: Annablume, 1999. 15-22p.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir** – História da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1986a. 280p.
- _____. **Sobre a justiça popular**. In. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1986b. pp. 39-68.
- _____. **Nietzsche, a genealogia e a história**. In. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1986b. pp. 15-38.
- PEQUENO, João. **Uma vida de capoeira**. Salvador: [s.e.], 2000. 48p.
- PEREIRA, Caetano Cícero. **Certidão de óbito**. Cartório de Registros Cíveis de Pessoas Naturais. Comarca de Santo Amaro – Bahia. (2ª via, junho de 2002).
- PEREIRA, Manoel Henrique. **Seção Judiciária**. Arquivo Público Estadual da Bahia. Classificação – 202; Cx 14; doc 18 – Período 1918.
- PEREIRA, Manoel Henrique. **Seção Judiciária**. Arquivo Público Municipal da Santo Amaro.; Subsérie: Tentativa de homicídio; Cx.04; N° 104; Vol. 18. Data limite (1920 –1927)
- PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **Movimentos da Cultura afro-brasileira** – A formação histórica da capoeira contemporânea 1890-1950 – Tese de Doutorado em História – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, 2001.
- POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. In. **Estudos Históricos**. Vol.5, n. 10, 1992, p. 200 – 212.
- PRADIER, Jean-Marie. **Etnocenologia**. In. **Etnocenologia** – Textos Seleccionados. Christine Greiner e Armindo Bião (orgs). São Paulo: Annablume, 1999. 23-30p.

REGO, Waldeloir. **Capoeira angola**: ensaio sócio-etnográfico. Salvador: Itapoã, 1968. 417p

REIS, Leticia Vidor de Sousa. **O mundo de pernas para o ar**: a capoeira no Brasil. São Paulo: Publisher Brasil, 2000. 208p.

SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE SANTO AMARO. Edição comemorativa do bi-centenário. Bahia, 1978. 122p.

SODRÉ, Muniz. **Santugri** – histórias de mandinga e capoeiragem. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1988. 71p.

NOTAS

¹ Professor Adjunto do Departamento de Fundamentos da Educação, da Universidade Federal do Ceará; Coordenador editorial da série Diálogos Intempestivos; bacharel em Filosofia, mestre e doutor em Sociologia; pós-doutor em Artes Cênicas. Coordenador do núcleo de **História e memória da educação**, do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da UFC. E-mail: gerardo.vasconcelos@bol.com.br